

EXPERIMENTO



A experiência, assim como a pesquisa, requer um ritmo lento, uma paciência de saber a hora de caminhar para encontrar e a de parar para observar. Encontrar e nos deixarmos ser encontrados. Nós, do PI EXPERIMENTAL, entendemos que o sujeito moderno vive pautado no fazer, no produzir. Na lógica produtiva do capital, fazemos tanto que não abrimos espaço para que as coisas simplesmente nos aconteçam. É desse modo que também opera as percepções do tempo na atualidade.

Ir à fábrica e ver alguém montando, sei lá, um fogão, com a mão direita usando alguma ferramenta e a esquerda vazia. Pela relação tempo-produção, se pensa: será que dá pra utilizar a mão esquerda enquanto isso? A brecha, da brecha, da brecha... Assim, as coisas são feitas. Se você der o prazo de um mês para alguém fazer algo, não é uma semana para reflexão, a próxima semana para criação, é um mês inteiro fazendo, fazendo, fazendo.¹

Para deixar que a experiência nos aconteça e nos toque, é necessário abrir espaço e ceder tempo para o que não foi programado. Nesse sentido, o laboratório foi dividido metodologicamente em fases, tais como pré-produção, abertura do projeto, mentoria, visita técnica-sensitiva, observações, aprendizados, prototipagem, produção e fechamento. A metodologia pode, porventura, ser repetida, já a experiência que foi o PI EXPERIMENTAL jamais poderá acontecer novamente, porque a experiência é de uma dimensão única.

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.²

¹ Ariane Mendes sobre o tempo de produzir.

² BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista brasileira de educação, n. 19, p. 20-28, 2002. p 27.

O experimento é o fazer para ver, testar as possibilidades através do erro e do acerto, é transformar e provocar mudanças. Não à toa, levamos o experimental no nome porque pensamos que a experiência acontece dentro da relação entre o conhecimento e a vida, que é imprevisível. Experimentar é se apaixonar, é travessia perigosa de perguntas e acontecimentos novos regidos por questões e sentimentos antigos; é reinventar percursos almejando alcançar lugares que pensamos saber quais são, mas que, na realidade, são completamente desconhecidos por nós.

Assim, parte do nosso experimento desejou permitir passagem para o desconhecido: usamos de ferramentas como “caminhada de 15 minutos”, mapas mentais, mapas conceituais e pudemos definir o espaço que percorreríamos, mas jamais o que nos aconteceria ou descobriríamos. O que, em outras palavras, quer dizer que fomos vítimas da serendipidade, daquilo que nos acontece ou é descoberto por acaso, de maneira imprevista, de modo inesperado.